

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA REDUZIR O BULLYING NAS ESCOLAS

Beatriz FORNER¹
Prof.^a Esp. Isabella NATAL

RESUMO

O *bullying* é uma agressão que pode ser física, verbal ou psicológica, praticada de maneira intencional e repetitiva. O objetivo desse trabalho é refletir sobre o que esse tipo de agressão pode causar na vida da criança, ocasionando traumas e transtornos ao longo dos anos, que prejudicam no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Com esse enfoque no *bullying* no âmbito escolar, pretende-se levantar questões sobre como professores, pais e gestores podem trabalhar com as crianças, para que esse tipo de problema não ocorra. Em busca de informações que embasem possíveis respostas, o presente estudo teve como objetivo realizar um breve levantamento sobre as possíveis causas do *bullying* e suas consequências e como podemos reduzir. Pensando nisso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, a partir de falas de teóricos e pesquisadores sobre esse assunto.

PALAVRAS-CHAVE

Relações entre alunos; violência escolar; clima escolar; *bullying*.

1. Introdução

Conforme Fante (2005), a violência em todos os níveis de escolaridade tem aumentado nas últimas décadas. Com isso, comportamentos agressivos em contextos escolares, como as agressões físicas e verbais, têm sido cada vez mais estudados. De acordo com Lopes Neto e Saavedra (2003), a Organização Mundial da Saúde (OMS) declara que a violência é um problema crescente da área da saúde, no mundo todo, e, de forma geral, é reconhecida nas últimas décadas como um fator de risco para o desenvolvimento humano. Ainda segundo a OMS, a violência pode constituir de força física ou ameaças resultando em ferimentos ou até morte.

Os autores Barros *et al.* (2009) ressaltam que, no ambiente escolar, são diversas as manifestações de violências afetando professores, funcionários e, na maioria das vezes, os alunos. Pinheiro (2006) explica que uma das formas de violência escolar que merece atenção é o *bullying*.

¹ FORNER, Beatriz. Estudante de Licenciatura de Pedagogia no FIRA (Faculdades Integradas Regionais de Avaré) Avaré-SP, 2020, biafor99@yahoo.com.br

Uma das formas de violência escolar, que tem merecido grande atenção por parte de pesquisadores nas últimas décadas, tem sido denominada, na literatura internacional, como *bullying*. *Bullying* é uma forma de violência frequente ocorrida entre colegas na escola. Alguns autores têm utilizado o termo intimidação para se referirem ao fenômeno. (PINHEIRO, 2006, p. 4)

Para Almeida e Cardoso (2011), o *bullying* também é um problema mundial, sendo encontrado em toda e qualquer escola, não estando restrito a nenhum tipo específico de instituição seja ela primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana. Fante (2005) descreve este comportamento através de classificações dos tipos de papéis desempenhados, sendo eles vítimas típicas: indivíduo que sofre repetidos atos de agressão; vítima provocadora, que é aquela que provoca e atrai reações agressivas, com as quais não consegue lidar; vítima agressora: aluno que reproduz os maus-tratos sofridos e busca uma criança mais frágil em quem descontar a agressão sofrida; e o agressor: aquele que pratica a violência, seja ela física ou verbal.

Nos dias de hoje, notamos que o índice de traumas, depressão e até mesmo mortalidade, por conta do *bullying*, ocorrem constantemente (SILVA, 2009). O *bullying* é considerado por muitos apenas como uma brincadeira. Pais, ou até mesmo professores, não percebem o quanto isso pode atingir a criança. Acreditam que é uma “frescura”, ou “coisa de criança”, mesmo sem saber a gravidade do que está ocorrendo.

De acordo com Malta *et al.* (2009),

A necessidade de se conhecer e estudar esse fenômeno dentro da escola se reforça na medida em que a contínua exposição ao *bullying*, nos seus mais variados tipos, pode acarretar as vítimas problemas comportamentais e emocionais, destacando-se o estresse, a diminuição ou perda da autoestima, a ansiedade e depressão, o baixo rendimento escolar e até mesmo, em casos mais severos, o suicídio. (MALTA *et al.*, 2009, p. 306)

Os fatores que tendem a estar associados à presença de *bullying* em sala de aula são: agressividade por parte dos pais; desestrutura familiar; falta de limites; hiperatividade; impulsividade; distúrbios comportamentais; dificuldades de atenção; baixa inteligência e desempenho acadêmico deficiente.

Nesse sentido, aprofundar sobre a questão do *bullying* se faz importante. Devemos perceber quando algo está diferente, isso faz parte do olhar do professor, não apenas aquele olhar sobre o aluno como um número, mas como pessoa. A escola deve montar um projeto com os próprios alunos, fazendo-os amadurecer e ter confiança, para que percebam o quanto isso é importante.

Em busca de informações que embasem possíveis respostas, o presente estudo teve como objetivo realizar um breve levantamento sobre as possíveis causas do *bullying* e suas consequências e como podemos deduzir.

2. Bullying

Segundo Silva (2009, p. 13-14), o uso da palavra *bullying* é um fenômeno recente, para designar um comportamento violento no âmbito escolar tanto de meninos quanto de meninas. Podemos predominar esses comportamentos por ações desrespeitosas por parte do agressor. E geralmente este não tem motivo que justifica tal ato, ou seja, é como se fosse natural, onde o mais forte usa como objetos de diversão por prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar as vítimas que seriam os mais fracos.

Então, o *bullying* é uma agressão que intenciona causar danos físicos, verbais e psicológicos. É um comportamento violento que inclui apelidos ofensivos, que podem levar a vítima à ansiedade e à depressão; além de agressões físicas, chutes, empurrões, insultos, xingamentos, exclusão no seu grupo social e entre outros.

Silva *et al.* (2013, p. 130) alerta algo muito importante para essa questão: “(...) essa distinção faz-se necessária, uma vez que a recorrência dos atos de violência não se sustenta do ponto de vista temporal quando agressores e vítimas possuem condições similares de ataque e proteção (física, social e/ou psicológica).” Ou seja, o agressor só vai atrás daquele indivíduo que aparenta ser mais fraco, que não tem condições de se defender.

A criança que é vítima, muitas vezes, sofre calada, tem medo de ir para a escola, não conta para os pais, professores ou diretores que está sendo violentada. A vítima manifesta o desejo de mudar de escola, sente medo, vergonha por ser agredida verbal ou fisicamente e frequentemente precisa passar por terapia para poder perder o medo, a insegurança e recriar laços com as pessoas da sociedade.

Segundo Martins e Almario (2012), estudos apontam que o agressor no futuro pode migrar para uma vida futura de criminalidade, por seus comportamentos na infância e adolescência.

Na vida da vítima, o *bullying* faz com que desenvolva problemas físicos e emocionais, incluindo o estresse, risco de diminuir ou perder sua autoestima, ansiedade e depressão.

3. Transtornos, traumas que o *bullying* pode causar

Silva (2009) relata sobre diferentes tipos de transtornos, traumas e consequências que afetam a vítima que sofre o *bullying*.

Os sintomas psicossomáticos são sintomas físicos, que podem ser dores de cabeça, insônia, náuseas, entre outros; e são causados por elevados níveis de desconfortos no seu cotidiano.

Já o transtorno do pânico é um medo que pode aparecer de uma hora para outra. Esse transtorno dá a sensação de medo e ansiedade, além de sintomas físicos.

A fobia escolar é quando o indivíduo adquire medo por frequentar o espaço escolar, não conseguindo permanecer no ambiente.

A fobia social se caracteriza por uma pessoa apresentar medo de se sentir observada pelas pessoas ou estar sendo julgada negativamente.

O transtorno de ansiedade generalizada consiste em grave medo, insegurança e preocupação. E a depressão apresenta sintomas como tristeza, ansiedade, sentimento de desesperança, perda de interesse por atividades que eram antes prazerosas para o indivíduo.

Esses são alguns transtornos que acontecem com pessoas que sofrem ou sofreram *bullying*. Devemos lembrar que estamos falando de doenças que pessoas podem adquirir geneticamente, ou seja, herdar dos pais ou parentes próximos. Mas que também podem ser causadas por consequências de sofrimentos, estresse, pressões psicológicas gerada pelo *bullying*.

Há consequências do *bullying* tanto para a vítima, quanto para o agressor, embora o dano maior ocorra na vítima. Os problemas vão desde a queda do rendimento escolar, até o desenvolvimento de depressão ou suicídio. Com isso, as vítimas se isolam, apresentam baixa autoestima e alegam sintomas de dores. (RISTUM, 2010, p. 110-111).

Ainda assim, Rodrigues (2012) relata que:

O resultado, na aprendizagem, é imediato, pois o agredido fica inseguro, foge das atividades pedagógicas e tenta a invisibilidade para evitar as chacotas mais dolorosas. Abandona, em seguida, a escola, os planos de ascensão social ou os sonhos de carreira profissional, carregando sozinho, pela vida afora, os traumas decorrentes da rejeição sofrida na escola. (2012, p. 14).

4. O *bullying* nas escolas

Segundo Botelho e Souza (2007), alguns casos de *bullying* acontecem muito frequentemente no horário do recreio e na aula de educação física. Nesta, se na turma há algum aluno com deficiência, por exemplo, é zombado pelo agressor, deixando a vítima desconfortável e constrangida na frente dos colegas de classe. Com isso, ele perde a vontade de fazer a atividade. No horário do recreio, geralmente não há supervisão dos professores, as turmas se juntam e se acumulam no pátio. Então, misturam-se alunos de diferentes idades, favorecendo as agressões dos maiores sobre os menores, caracterizando o *bullying* sobre uma delas.

Nogueira (2007) complementa que onde mais se encontra o *bullying* é nos intervalos de aula. Já na sala de aula ocorre a indisciplina, onde os alunos praticam essa violência de forma mais sutil, disfarçada.

Dentre as consequências para a vítima do *bullying*, estão o medo e os traumas, precisando comparecer a terapia para tentar superar suas dificuldades de se relacionar com qualquer outra pessoa.

Segundo Malta *et al.* (2009):

Os estudos sobre violência no âmbito escolar são recentes, e os primeiros datam da década de 1980. Entretanto, a preocupação sobre o tema tem aumentado nos últimos anos, despertando a atenção dos educadores, da sociedade e das famílias. A violência presente nas escolas refere-se a um fenômeno complexo e tem afetado a vida cotidiana, como uma ameaça diária à integridade física, psíquica e da dignidade humana. (p. 306)

A partir de 1990, a violência entre os estudantes vem aumentando cada vez mais, como agressões verbais e ameaças. A escola é um espaço onde a ocorrência da violência social pode ser caracterizada de diferentes maneiras. (MALTA *et al.*, 2009).

A escola municipal Tasso da Silveira, localizada no Rio de Janeiro, testemunhou um massacre de um homem que estudou no colégio entre os 9 a 13 anos. Segundo relatos, o atirador sofria *bullying* constantemente na época em que estudava no colégio. Ele cometeu esse massacre por vingança, pois era zombado na escola, sofria muito e com isso foi pensando em vingança. (RODRIGUES, 2012).

Portanto, Rodrigues (2012) conclui que:

Para que não haja outros massacres em escolas, torna-se indispensável que os alunos sejam receptivos ao diferente e os professores atentos à intimidação de colegas para que as atividades pedagógicas não se transformem em atos contrários à dignidade humana. (p. 20)

Lorenzi *et al.* (2010) fez pesquisas em escolas nas cinco regiões do Brasil, para buscar situações de maus tratos no âmbito escolar entre os estudantes, e conclui que os alunos entrevistados não têm conhecimento sobre o *bullying* e poucos já ouviram falar por meio dos veículos de imprensa. Mas a prática da violência é conhecida por todos e associam como maus tratos na escola.

5. Práticas para reduzir o *bullying* nas escolas

Considerando o que vimos sobre esse tipo de agressão, onde mais ocorre e suas consequências, podemos então refletir sobre o que somos capazes de fazer para que esse ato acabe ou pelo menos reduza no ambiente escolar.

Botelho e Souza (2007) apostam na educação ética para combater o *bullying*, propondo discutir dilemas morais, compreensão crítica, exercícios de construção conceitual, atividades informativas, dentre outras. Os autores dão destaque à importância da atuação dos docentes de educação física, mas também do professor graduado em pedagogia, do diretor de escola, do coordenador pedagógico, dos monitores da escola, que podem identificar e ajudar na intervenção.

O adulto deve ser observador, investigar quem é o alvo da perseguição, quem é o agressor, se tem testemunhas e por que estão praticando esse ato. Em seguida, propor ações com os alunos para refletirem sobre a agressão. É possível realizar rodas de conversa com a turma e instigar os alunos que praticam o *bullying* a refletirem sobre o tema.

Existem vários modos da violência, e o professor, ao analisar as situações, deve intervir de acordo com cada circunstância. Silva *et al.* (2013) explica:

Como cada situação de violência requer intervenções diferenciadas, dependentes, principalmente, das características do contexto das agressões, dos sujeitos envolvidos e do nível de gravidade e de recorrência dos atos praticados, uma compreensão mais aprofundada das peculiaridades desse fenômeno oportuniza melhores condições aos professores, para identificar e intervir adequadamente nessa situação. (p. 131)

Acredita-se que a gestão escolar possa trabalhar com isso montando projetos educativos que os alunos se manifestem juntos. Os próprios alunos participam, confeccionando cartazes para o mural da escola, escrevendo frases motivadoras para ajudar as pessoas na sua autoaceitação. É importante a escola trazer para os alunos palestrantes que abordem sobre esse tema, e deixar que as crianças falem o que pensam a respeito.

Silva *et al.* (2013) alega que, de acordo com as pesquisas, os professores podem intervir nesse fenômeno, discutindo com a turma sobre o tema, comunicando os pais para que eles também possam trabalhar com o filho em casa; propor pesquisas e apresentar o tema às crianças; encaminhar a questão à direção, apresentar regras escolares, dentre outros. Ou seja, os professores devem intervir nesse tipo de comportamento, orientando os pais para que façam o mesmo.

Trevisol e Campos (2016), por meio de pesquisas com dezoito professores de um município no Estado de Santa Catarina, em 2016, concluíram que onze professores têm conhecimento sobre o tema como uma violência ou agressão individual; cinco entendem que é atitude desrespeitosa; dois acreditam como um comportamento agressivo.

Contudo, notamos que os professores não estão preparados para lidar com essa violência nas escolas, isto é, existe a falta de orientação na escola e nas formações iniciais (CAMPOS; JORGE, 2010).

Pensando em projetos de intervenção, sabe-se que a conversa com os alunos sobre o *bullying* pode auxiliar na redução. Logo, é importante que tenham conhecimento concreto sobre ele, para que possam conversar com os alunos esclarecendo suas dúvidas.

Malta *et al.* (2009) conclui que a escola deve incorporar ações para prevenir o *bullying* e controlar a violência, tendo o apoio da comunidade, pais, gestão e outros.

6. Considerações Finais

Considerando todos os estudos abordados, concluímos que o *bullying* na escola é uma forma de violência que ocorre há muitos anos e não era considerado importante, não se dava importância para essa agressão. Geralmente, o agressor age por prazer, com intuito de humilhar, maltratar a vítima, implicando com aqueles que considera mais fracos, que não têm estruturas para se defender.

Com isso, são causados transtornos e traumas que afetam na vida da vítima, atrasando seu desenvolvimento e aprendizagem, por conta de medo, insegurança, ansiedade, depressão e outros. A vítima pode desenvolver também comportamentos agressivos.

Estudamos que essa violência ocorre no âmbito escolar, normalmente no recreio, momento em que se juntam muitas crianças de diferentes idades. Com a falta de professores no local, acabam praticando o *bullying* com mais frequência, pois a vítima não tem a quem se recorrer e nas salas de aulas essas práticas ocorrem de maneiras mais disfarçadas.

Ainda que professores não sejam preparados e capacitados para esse tema, devem abordar estudos científicos para saber como trabalhar com os alunos sobre essa violência. Pais e professores devem ficar muito atentos com esse tipo de violência, e tentar trabalhar com a criança de alguma maneira, para que ela entenda que isso não é correto, que deve respeitar o próximo, independentemente das diferenças.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Sidnéia Barbosa; CARDOSO, Luciana Roberta Donola. **Bullying**: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. 2011.

BARROS, Paulo Cesar. *et al.* **Um estudo sobre o bullying no contexto escolar**. PUCPR, 2009.

BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Maurício Capinussú. **Bullying e educação física na escola**: Características, casos, consequências e estratégias de intervenção. Revista de Educação Física, 2007.

CAMPOS, Herculano Ricardo; JORGE, Samia Dayana Cardoso. **Violência na escola**: uma reflexão sobre o *bullying* e a prática educativa. Em aberto, Brasília, v. 23, n83, p. 107-128. 2010.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Ed. Verus, 2005.

LOPES NETO; SAAVEDRA, L. **Diga não para o bullying**: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

LORENZI, Gisella Werneck. *et al.* **Pesquisa: Bullying escolar no Brasil**. CEATS, 2010.

MALTA, Deborah Carvalho. *et al.* **Bullying nas escolas brasileiras**: resultados da pesquisa nacional de saúde do escolar (PeNSE), 2009.

MARTINS, Norma Vicença; ALMARIO, Alan. **Bullying**: uma perspectiva sobre o agressor. Revista da Universidade Ibirapuera-São Paulo, v. 4, p. 17-21, 2012.

NOGUEIRA, Rosana M. C. D. P. A. **Violências nas escolas e juventude: um estudo sobre o bullying** escolar. PUC/SP, 2007.

PINHEIRO, Fernanda Martins França. **Violência intrafamiliar e envolvimento em "bullying" no ensino fundamental**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Carlos: UFSCar, 2006.

RISTUM, Marilena. **Bullying escolar**. Ed. Fiocruz, 2010.

RODRIGUES, Gilda Castro. O *Bullying* nas escolas e o horror a massacres pontuais. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n. 11, 2012.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Globo Livros, 2009.

SILVA, Jorge Luiz. *et al.* **Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores**. Arq. Bras. Psicol. Vol. 65 no.1 Rio de Janeiro. Jun. 2013.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron; CAMPOS, Carlos Alexandre. **Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar**. Psicologia escolar e educacional – SP, v. 20, número 2. 2016.